

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que publicamos o segundo número da décima-oitava edição da *Scripta Uniandrade*, cujo texto inaugural, intitulado “*Intermediality: Some Comments on the Current State of Affairs of a Search Concept*” [“Intermedialidade: alguns comentários sobre o estado da arte de um conceito de pesquisa”], proferido em forma de palestra por Jürgen E. Müller, eminente pensador e pesquisador de estudos midiáticos, durante o *XI Seminário de Pesquisa da Uniandrade* (2019), enriquece a revista. O artigo apresenta um novo enfoque sobre algumas descobertas do próprio autor a respeito da história da noção e do conceito de intermedialidade para, em seguida, discutir alguns aspectos gerais do atual estado das artes desse eixo de pesquisa. A parte central do artigo fornece um esboço sobre uma arqueologia da intermedialidade que nos remete às origens. As descobertas discutidas no ensaio são abordadas a partir de uma perspectiva relacional e confrontadas com práticas e processos intermidiáticos na era digital.

Na sequência, as contribuições de dois autores convidados ilustram aspectos ligados ao momento atual de provação global da humanidade, quais sejam o ensaio “*Chez Baldwin, coronavírus e o DNA brasileiro*”, de Jânderson Albino Coswosk, e o poema “*Dos Anjos das Mortes*”, de Vinícius Bandera. O ensaio aborda, em primeira pessoa, notas sobre a relevância das múltiplas residências do escritor afro-americano James Baldwin, aliadas ao conceito de “*casa*” (*house*) e “*lar*” (*home*) desenvolvido em seus trabalhos literários e ensaísticos. Com base nesses apontamentos, o autor discute o que significa ser afro-brasileiro em um país cercado pelos impactos da CoViD-19, juntamente com outras inúmeras desigualdades sociais que compõem o cenário brasileiro contemporâneo. O poema, por sua vez, é um metapoema que gira em torno de versos de Augusto dos Anjos em “*Psicologia de um vencido*”.

Sete estudos, reunidos sob o eixo temático “Questões de identidade cultural nas literaturas de língua estrangeira”, refletem sobre a fragilidade e condição eternamente provisória das identidades, sejam elas individuais, sociais ou culturais. Nesse sentido, novos parâmetros tendem a ser adotados para entender a dinâmica do transitório e do precário que se impõe sobre o domínio do perene.

No artigo de abertura desta seção, intitulado “Singing Scottish Culture in Lewis Grassic Gibbon’s *Sunset Song*” (“Cantando a cultura escocês em *Sunset Song*, de Lewis Grassic Gibbon”), Carolina de Pinho Santoro Lopes relata que, no romance anunciado no título do ensaio, as canções tradicionais escocesas, as quais estão no centro da vida cotidiana dos personagens do vilarejo ficcional de Kinraddie, na Escócia, nas primeiras décadas do século XX, têm um papel importante na formação da identidade desse grupo. A situação muda durante guerra, quando as canções tradicionais dão lugar a músicas estrangeiras; mas, felizmente, parte dessa tradição permanece e ganha novos significados nesse contexto histórico e social transformado. Em “Migração feminina irlandesa e convenções de gênero em *Brooklin*, de Colm Tóibín, Martha Julia Martins objetiva demonstrar como as convenções de gênero influenciaram a vida e as escolhas da personagem principal do romance *Brooklin*, ambientado nos anos 1950, no qual Tóibín tece comentários sobre a vida de Eilis Lacey, jovem da classe trabalhadora do interior da Irlanda, que tem sua vida transformada ao migrar para os Estados Unidos da América. Presa aos costumes e obrigações impostas a uma jovem moça, Eilis logo percebe-se dividida entre os dois mundos, a Irlanda rural e ultrapassada e a América moderna e cheia de possibilidades, onde Eilis descobre o amor, o desejo e as convenções sociais que aprisionam mulheres. No artigo “O protagonismo feminino nas narrativas de María Rosa Lojo”, Kátia Rodrigues Mello Miranda, Fernanda Aparecida Ribeiro e Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari analisam quatro romances históricos da escritora argentina: *La princesa federal* (1998), *Una mujer de fin de siglo* (1999), *Las libres del Sur* (2004) e *Finisterre* (2005). As autoras buscam identificar as estratégias narrativas para destacar as vozes femininas silenciadas e reivindicar o valor da atuação das protagonistas na construção identitária nacional, a partir de estudos de Giuffré (2004), Cunha (2004) e Mathieu (2004) sobre o romance histórico na Argentina, e os estudos de Braidotti (2000) sobre a subjetividade nômade.

A história de Angel Jensen, uma garota nativo-americana que foi tirada de sua família quando criança, é contada no romance *Solar Storms*. No artigo “*From Jensen to Maniki: Angel’s Journey in Solar Storms*” (“De Jensen a Maniki: A jornada de Angel em *Solar Storms*”), Rosana Ruas Machado Gomes concentra-se nas temáticas do romance relativas a trauma, autodescoberta e cura, abordando a jornada e os processos através dos quais Angel se conecta com as pessoas e a natureza ao seu redor. Como as mulheres de sua família são fundamentais em seu processo de cura, as autoras mostram como cada uma delas participa e ajuda a moldar a história de Angel e como seus relacionamentos são marcados pela cultura nativo-americana. No ensaio, “*The Buddha in the Attic: relações (de)coloniais e a*

representação da identidade cultural nipo-brasileira na tradução”, Line Yuri Kiminami e Liliam Cristina Marins argumentam que, na contramão das discussões pós-modernas, que parecem ter resolvido questões como alteridade e diversidade, determinados grupos identitários, como os descendentes de japoneses, ainda lutam por visibilidade cultural, histórica e social. Nesse sentido, as autoras analisam a tradução de *The Buddha in the Attic*, considerando as perspectivas ideológicas que se manifestam tanto na temática, quanto nas escolhas tradutórias, a partir de Esteves (2014), Gentzler (2009), Bauman (1999) e Hall (2003).

O próximo ensaio confronta a historiografia literária do gênero *Bildungsroman* a partir da leitura de obras de autoria e/ou cunho trans, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero transcende o binarismo masculino/feminino, de modo a reler o cânone estabelecido com obras de cunho autobiográfico, cujos personagens e/ou autorias se encontram dentro do espectro das identidades trans. Em “Queerizando o *Bildungsroman*: de Alexina B. a Paul Preciado”, Marcelo Branquinho Massucatto Resende, discute esta questão a partir de uma leitura comparada da autobiografia de Alexina B. (ou Herculine Barbin), considerada a primeira do gênero, publicada pela primeira vez em 1874, e o ensaio corporal *Testo Junkie*, conduzido pelo filósofo espanhol Paul Preciado, publicado em 2008. Logo após, em “As relações de poder vinculadas a gênero entre as personagens de “A dócil”, de Fiódor Dostoiévski”, Elisa Seerig e Cecil Jeanine Albert Zinani examinam o conto do escritor russo, publicado em 1876, inspirado por uma notícia de jornal sobre o suicídio de uma jovem. O conto é investigado sob a perspectiva das relações de poder entre o casal, observando como os estereótipos de gênero impostos pelo contexto histórico-social interferem na interação do homem com a mulher, conduzindo a narrativa ao trágico desfecho – o suicídio da jovem esposa. Os conceitos discutidos por Simone de Beauvoir, bem como o contexto de produção em uma perspectiva histórica, são utilizados na discussão e análise do conto.

Sete artigos integram a seção “Varia”. No primeiro, intitulado “Jorge Amado no espaço biográfico: uma vida, onze narrativas”, Marina Siqueira Drey propõe-se a discutir onze obras do espaço biográfico que têm o escritor Jorge Amado como protagonista. O foco de análise privilegia as produções não canônicas do gênero biográfico — como publicações de edições comemorativas, relatos pessoais e livros de entrevista — com o intuito de realizar um mapeamento dessas narrativas, uma descrição geral de tais obras, e uma análise dessa seleção a partir de três pilares dos textos de natureza biográfica, a saber: a subjetividade dos partícipes, a materialização da narração e a troca entre os sujeitos. No artigo seguinte, “Resgate e escrita de si no romance de Conceição Evaristo: uma leitura de *Ponciá Vicêncio*”, Elen Karla Sousa da Silva e Daniel Conte analisam o processo identitário no romance objeto de estudo, partindo de fragmentos que comprovam a ação de resgate da identidade, a qual Ponciá Vicêncio vivencia a partir da infância à fase adulta. O estudo é embasado por Hall (2006; 2009), Silva (2011), Fanon (2008), Duarte (2016), entre outros. Os autores acreditam que a passagem das lembranças em *Ponciá Vicêncio* se efetiva através das

figuras e espaços, construídas através do regresso a ambientes de representação afetuosa da protagonista.

A partir das teorias do fantástico e do neofantástico, Cristina Löff Knapp, em “*As formigas: uma leitura das representações insólitas nas narrativas de Lygia Fagundes Telles e Augusta Faro*”, investiga a presença do sobrenatural nos contos homônimos das autoras mencionadas no título do ensaio. Para tanto, a autora revisita perspectivas teóricas de Felipe Furtado (1980), o conceito de fantástico de Ceserani (2006), além de considerações de Bessiére sobre ambiguidade, culminando com uma discussão mais contemporânea, balizada por David Roas (2014) e Alazraki (1990) com o termo neofantástico. Em “*A angústia no romance O encontro marcado, de Fernando Sabino: uma leitura interdisciplinar à luz das ideias de Soren Kierkegaard*”, Gustavo Rocha Ferreira e Silva ancora sua interpretação em pressupostos cunhados por Hans-Georg Gadamer e Wolfgang Iser. O protagonista do romance e o pensador entendem este *pathos* de maneiras distintas. Kierkegaard concebe a angústia como um medo sem objeto, uma imobilidade aflitiva diante do poder escolher um rumo para si, de assumir a responsabilidade do próprio destino. Já para Eduardo Marciano, esta consiste de uma irremediável impotência frente a sua própria finitude; no fracasso em concretizar o que acredita ser sua vocação, qual seja, a de se tornar pai de família e romancista renomado; e em sua incapacidade de conferir um sentido à própria vida.

Partindo do pressuposto que a literatura espanhola, do século XVI, está dividida em duas fases: a primeira, não religiosa, configurada como poesia bucólica, seguindo o modelo de Petrarca, e a segunda, ligada à religião, combinando misticismo e poesia, os autores Cyro Leandro Morais Gama e Samuel Anderson de Oliveira Lima examinam, em “*Cântico espiritual B de San Juan de la Cruz: reflexo do sagrado e do profano*”, o percurso que o poeta místico faz ao elaborar a referida obra. Nesse processo, seu conhecimento e entusiasmo pelo texto bíblico do *Cântico dos Cânticos* é evidenciado, como também sua capacidade intelectual de encontrar na chamada poesia profana, da época, uma direção para a criação dos seus textos poéticos. A análise parte das perspectivas teóricas de Alonso (1942), Hatzfeld (1976), Navarro (2011), Ruiz (1968, 1994), entre outros. Em “*O cogito corporal: da metaforização telúrica na poesia de Gilka Machado*”, Suzane Morais da Veiga Silveira analisa o recurso estilístico mencionado no título, a fim de investigar a concepção de paisagem na obra da autora, por meio da qual ela associa a ideia de potência da natureza a uma vivência corpóreo-linguística. O conceito de “pensamento-paisagem” de Michel Collot, em *Poética e filosofia da paisagem* (2013), é utilizado para realizar o estudo de uma lógica do corpo na poética giliana, a qual propõe uma poesia dos sentidos, um pensamento-corpo-paisagem, cuja subjetividade se desloca para fora de si, voltada ao outro.

O artigo “*Aquiles negro em Troy, Fall of a City: algumas implicações*”, de Gelbart Souza Silva, discute a polêmica gerada pelo filme ao escalar um ator negro

para interpretar Aquiles, personagem cristalizado como branco e loiro. Neste artigo, algumas questões a respeito dessa decisão são levantadas. O autor investiga a descrição do personagem em textos antigos, na pintura e no cinema, pesquisando, ainda, a pertinência da distinção por cor de pele no contexto da Antiguidade. A seguir, as implicações de um Aquiles negro para a narrativa da série e para a sua recepção pelo público são discutidas. A conclusão final é que um Aquiles negro não causa estranheza se tomada a série como obra isolada, mas apenas na relação intertextual, e que a ruptura com a tradição da representação evoca questões de representatividade.

Por fim, cumpre ressaltar que as diversas vozes constantes do eixo temático e das outras seções da revista, as quais estabelecem um diálogo sobre literatura, cultura e sociedade, abordam diversas complexidades do mundo de hoje que necessitam ser (re)pensadas por todos e cada um.

As editoras